

RESENHA

Representações de gênero nas canções de Lupicínio Rodrigues

Maria de Fátima Bento Ribeiro/Unioeste

Maria Izilda S. de Matos e Fernando A. Faria, na obra *Melodia e Sintonia em Lupicínio Rodrigues: o feminino, o masculino e suas relações*, da Editora Bertrand Brasil (Rio de Janeiro, 1996, 184 p.), belíssimo livro e de leitura agradável, analisam, através da produção musical de Lupicínio Rodrigues, o mundo boêmio, desvendando as representações do feminino e do masculino presentes em suas canções.

Trabalho inovador, ousado e que seduz o leitor até o final do livro, onde o rigor teórico-metodológico está sempre presente, aliado à preocupação de rastrear a experiência de um mundo boêmio, e suas múltiplas representações. Os autores percebem através da obra de Lupicínio Rodrigues, compositor de grande sucesso, que durante os anos 40 e 50 produziu canções bem ao gosto popular, retratos da vida boêmia, do cotidiano dos homens e mulheres que viviam a noite, num espaço-tempo identificado com a “desordem”, com o não-trabalho e até com o indevido, o proibido.

Neste livro, os autores, além de dar visibilidade às representações presentes no imaginário, e que circulavam na época sobre as representações dos perfis do feminino e do masculino, bem como das relações de gênero, discutem uma investigação que focalize a noite, a boemia, desafiando e questionando grande parte da historiografia que privilegiou o enfoque das experiências femininas em detrimento de relações com o mundo masculino, do mesmo modo que os estudos sobre o cotidiano que centralizam suas análises nas atividades diurnas, priorizando o mundo do trabalho.

A historiografia das últimas décadas, tem se voltado a recuperar a experiência vivida pelos agentes históricos ou grupos marginalizados pelo poder, revelando seu cotidiano, elaborando novas formas de reconstrução e análise, nas quais têm florescido vários trabalhos preocupados em revelar a presença de mulheres

atuando na vida social. Contudo, é recente a incorporação da análise da categoria de gênero nos estudos das mulheres, sendo também escassos os estudos que analisam a masculinidade. Este livro privilegia um enfoque para pensar a mulher e o homem enquanto diversidade inerente da historicidade de suas relações, focalizando na noite as relações de gênero.

A utilização da canção, enquanto fonte documental, é outro ponto forte do livro, por tratar-se de uma documentação muito rica e pouco explorada pela análise histórica. Para algumas “facções” da historiografia contemporânea este tipo de fonte ainda é vista como “marginal”. Integram o *corpus* documental dessa pesquisa cento e quarenta e duas composições. Entre essas canções, “Vingança”, “Esses moços (pobres moços)”, “Volta”, “Nervos de Aço”, “Se acaso você chegasse”, “Quem há de dizer”, “Castigo”, “Nunca”, na maioria composta entre os anos finais da década de 30, 40 e 50.

As composições de Lupicínio Rodrigues focalizam os espaços da noite em que conviviam intensamente homens e mulheres, dedicando parte de sua obra às mulheres, em particular às da noite. As mulheres são um elemento central na produção do compositor, assim como a paixão e a dor de amor. Nas composições de Lupicínio, o comportamento feminino aparece dotado de diferentes significados, geralmente negativos e desqualificadores. A produção de Lupicínio Rodrigues apresenta marcas de misoginia, sendo a mulher considerada culpada por todos os males. Dissimulada, possui atributos de poder, que usa para muitos fins.

“... Eu era uma pessoa boa/ Tão cheia de tranqüilidade/ Na minha vida só havia/ Alegria, poesia, amor, bondade/ Porém você apareceu/ E resolveu tornar-se assim/ Neste pedaço de maldade/ Infidelidade e coisa ruim...” (Coquetel de Sofrimento, s/d).

O ser homem e o ser mulher nas canções de Lupicínio Rodrigues são, antes de tudo, papéis sociais e culturais. Percebe-se em suas canções uma certa valorização dos espaços boêmios - o bar, a taberna, o botequim - pontos de encontro de amigos, identificados como espaços de solidariedade, em particular, masculina.

O homem é marcado em suas relações por uma positividade em contraponto à negatividade feminina: “Enquanto o homem é fundamentalmente sincero e generoso, a mulher é, em sua essência, falsa, portanto ingrata, traidora, volúvel...” (p. 134).

O tornar-se masculino, viril, envolve fatores culturais, a virilidade sendo construída através de um processo de diferenciação. As canções revelam o entrelaçamento de múltiplas imagens femi-

ninas (a dama da noite, a dona do bar, a rainha do lar e a mulher de malandro) e masculinas (do malandro ao provedor, mas centradas no boêmio apaixonado), que se constituíam num processo interno de influência mútua, ou seja, simultaneamente constituintes e constituídas, sendo a construção do gênero produto e processo de sua representação.

Normas para colaboradores:

1. Os artigos deverão trazer resumo do texto em português, bem como o vínculo institucional do autor e sua titulação. Os autores farão constar endereço para correspondência e telefone para contato.

2. Os textos deverão ser remetidos em três cópias à Comissão Executiva, acompanhadas de disquete que reflita integralmente a versão impressa.

3. Os artigos devem seguir o limite mínimo de 15, e o máximo de 30 laudas. As resenhas observarão o espaço de 3 a 5 laudas. (fonte: Times New Roman, corpo 12, em espaço 1,5).

4. Os textos devem se constituir em material inédito no Brasil, sendo as considerações emitidas de responsabilidade de seus autores.

5. Cada autor receberá 02 (dois) exemplares da Revista, referente ao número que contiver seu artigo.

6. A data-limite para o envio de artigos será 30 de maio de cada ano.

7. As citações deverão ser integradas ao texto, com dois recuos, em corpo 11.

8. As referências bibliográficas devem ser feitas entre parênteses, constando de nome do autor, data da publicação da obra, bem como o número da página. Exemplos: (MUCHEMBLED, 1994: 48), (DUBY, 1979a: 88-89 ou DUBY, 1979b: 89).

9. Toda a bibliografia será citada no final do artigo, observando-se padrões técnicos aceitos pela comunidade científica.

10. Os artigos encaminhados à Revista serão apreciados por dois membros do Conselho Consultivo ou por outros pareceristas designados pela Comissão Executiva.



